

CURRICULARIZAÇÃO DA EXTENSÃO NA HORTA

uma sementeira de transformação social

CURRICULARIZATION OF EXTENSION IN THE VEGETABLE GARDEN
a seed of social transformation

Cassiane da Costa¹
Biane de Castro²

RESUMO

Estudantes e profissionais de universidades públicas precisam interagir com a comunidade, construindo, ao lado de diferentes grupos sociais, territórios menos desiguais. A curricularização da extensão nos cursos de graduação do Brasil é um importante passo nessa caminhada. Este artigo tem como objetivo apresentar e refletir sobre a experiência do componente Atividade Curricular de Extensão (ACE 1) no curso de Agronomia da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS), unidade Santana do Livramento, no primeiro semestre de 2025. Optamos pelo método do estudo de caso, utilizando anotações em caderno de campo realizadas pela docente do componente, além do Plano de Ensino do Componente ACE 1, imagens de atividades realizadas a campo e avaliações dos(as) estudantes. Esse componente configurou-se como um potente espaço de diálogo da universidade com a comunidade, promovendo a agroecologia e a segurança alimentar. Contribuiu ainda de forma efetiva na formação de sujeitos comprometidos com a redução das desigualdades nos seus territórios de vida e trabalho. A experiência do ACE 1 remete à esperança de fortalecimento da extensão na universidade como sementeira de transformação. Entretanto, precisamos da disponibilização dos recursos necessários para garantir a continuidade, potencializar e multiplicar espaços como esse.

Palavras-chave: Horta comunitária; Horta pedagógica; Agroecologia; Alimentação saudável; Segurança alimentar.

ABSTRACT

Students and professionals from public universities need to engage with communities, working alongside diverse social groups to build more equitable territories. The integration of extension activities into undergraduate curricula in

1 Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS) - Porto Alegre, RS, Brasil. Doutora em Extensão Rural pela Universidade Federal de Santa Maria - UFSM, Santa Maria, RS, Brasil. E-mail: professoracassianeuergs@gmail.com.

2 Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS) - Porto Alegre, RS, Brasil. Doutora em Fitotecnia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS, Porto Alegre, RS, Brasil).

Brazil represents an important step in this process. This paper aims to present and reflect on the experience of the Curricular Extension Activity (CEA 1) component in the Agronomy program of the Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS), Santana do Livramento campus, during the first half of 2025. A case study approach was adopted, using field notes recorded by the course instructor, the lesson plan for the component CEA 1, photographs of field activities, and evaluations of students. The component functioned as a significant space for dialogue between the university and the community, promoting agroecology and food security. It also effectively contributed to the development of individuals committed to reducing inequalities within their social and professional contexts. The CEA 1 experience highlights the potential of strengthening university extension as a driver of social transformation. However, this requires the provision of adequate resources to ensure continuity, to enhance and to expand initiatives of this nature.

Keywords: Community vegetables garden; Educational vegetables garden; Agroecology; Healthy eating; Food security.

INTRODUÇÃO

As universidades não podem ser espaços sociais desconectados da realidade que as cercam, voltadas ao desenvolvimento de uma ciência que serve a poucas pessoas. Pelo contrário, elas precisam desenvolver ensino, pesquisa e extensão de forma articulada e, especialmente no caso das universidades públicas, é necessário ultrapassar os muros e trocar saberes com a comunidade, pois é nessa confluência de diferentes saberes que brota a transformação social nos territórios. Esse é um dos resultados que se espera das universidades públicas.

O tripé ensino-pesquisa-extensão precisa ser sustentado a partir da efetiva valorização dos três pilares nas universidades públicas, o que, por vezes, não ocorre. O momento que vivenciamos no Brasil, de curricularização da extensão, representa um grande avanço nesse sentido, entretanto mostra muitos desafios. Antes de nos debruçarmos sobre um caso que traz as cores desse processo materializado no terri-

tório de fronteira Brasil-Uruguaí, é pertinente fazermos algumas perguntas: de qual extensão estamos falando? Extensão para que, para quem ou com quem?

Trazemos a clássica e necessária crítica ao termo extensão feita por Freire (1983) no âmbito da extensão rural para dar base à argumentação desse texto. Extensão é um termo que, conforme o autor, carrega a ideia de estender algo até alguém, de invasão cultural. Já o termo comunicação carrega o sentido de troca. Portanto, estender na extensão é anti-dialógico e incompatível com a verdadeira educação (Freire, 1983).

Concordamos com Freire e defendemos que a extensão universitária seja efetivamente comunicativa, alicerçada no diálogo horizontal entre diferentes sujeitos, de dentro e de fora da universidade. Se não tivermos isso bem entendido, podemos contribuir com uma aproximação da universidade com diferentes

grupos sociais de uma forma vertical, sem a participação e a humildade necessárias, desconsiderando os diferentes saberes e reduzindo sujeitos a objetos. Dito isso, defendemos que a extensão comunicativa nas universidades públicas seja voltada para o povo e construída com ele, com e para os grupos sociais que sofrem historicamente com opressões articuladas, como as de classe social, gênero e raça, e que resistem e tecem estratégias coletivas de luta orientadas a construir sociedades menos desiguais.

A curricularização da extensão, que acontece no Brasil a partir da regulamentação da Resolução nº 07/2018 do Conselho Nacional de Educação, potencializa a atuação das universidades junto à comunidade. Segundo este documento, as ações de extensão promovem a interação transformadora da comunidade acadêmica com a sociedade em geral e devem compor, no mínimo, 10% da carga horária dos cursos de graduação.

Na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS), a Resolução CONEPE (Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão) 018/2020, que institui e regulamenta a Política de Extensão Universitária da UERGS, define as ações de extensão como aquelas que envolvem comunidades externas à universidade, considerando necessidades e expectativas das pessoas beneficiadas por elas. Já a Resolução CONEPE 22/2024 institui a regulamentação da curricularização da extensão nos cursos de graduação da UERGS. Esta resolução determina que a curricularização das ações de extensão seja realizada através de componentes de extensão ou de aproveitamento de atividades de extensão a partir da solicitação do(a) estudante, alcançando, no mínimo, 10% da carga horária de cada curso.

O curso de Agronomia da UERGS é voltado à

agricultura familiar e à agroecologia. Trata-se de um curso de bacharelado de 4500 horas com duração mínima de cinco anos. Em seu projeto político-pedagógico consta que cada estudante deve contemplar, no mínimo, 450 horas em atividades de extensão comprovadas e componentes curriculares obrigatórios. Cada estudante deve, obrigatoriamente, cursar ao menos uma Atividade Curricular de Extensão (ACE), componente curricular de 45 horas voltado à extensão.

No primeiro semestre de 2025, o curso de Agronomia da UERGS na unidade de Santana do Livramento ofertou ACE pela primeira vez, sendo ACE 1 relacionada ao projeto de extensão sobre hortas comunitárias e ACE 2 relacionada ao projeto de extensão sobre ovinocultura. Nesse contexto, este artigo buscou apresentar e refletir sobre a experiência de desenvolvimento da Atividade Curricular de Extensão (ACE) 1 no curso de Agronomia da UERGS, unidade Santana do Livramento, no semestre 2025/01.

Desenvolvemos as atividades entre os meses de março e junho de 2025 nos bairros São Paulo, Simón Bolívar e Centro do município de Santana do Livramento/RS. Este município se localiza no extremo oeste do Rio Grande do Sul, fazendo fronteira com Rivera/Uruguai e estando distante 500 km de Porto Alegre. As hortas foram escolhidas pela existência prévia de vínculo com a comunidade. Tínhamos um trabalho de vários anos de trocas de lideranças comunitárias com a universidade através de um projeto de extensão voltado ao trabalho em hortas comunitárias e pedagógicas, e o interesse das pessoas envolvidas nessas hortas e nas associações de bairros em dar continuidade e ampliar essas trocas no município. Todos os gastos referentes a essa iniciativa foram custeados através de doações da professora do projeto, de es-

tudantes e da comunidade em geral, como transporte, ferramentas, esterco de ovelha, mudas de hortaliças, madeiras, tela e caibros, paletes, etc. A universidade não tinha orçamento voltado a esse fim.

Optamos pelo método do estudo de caso, como “modalidade de pesquisa amplamente utilizada nas ciências sociais, que consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos casos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento” (Gil, 2017, p.34). Utilizamos anotações em caderno de campo realizadas pela docente do componente, que é a primeira autora deste artigo, além do Plano de Ensino do Componente ACE 1, imagens de atividades realizadas a campo e avaliações dos(as) estudantes.

As anotações registradas no caderno de campo da docente foram estudadas buscando identificar os principais momentos de interação entre universidade e comunidade. As avaliações escritas pelos(as) estudantes foram examinadas qualitativamente, buscando identificar percepções sobre aprendizagem, trabalho coletivo e impacto social da atividade.

2. SOBRE O PROJETO DE EXTENSÃO “HORTAS COMUNITÁRIAS EM SANTANA DO LIVRAMENTO”

O componente ACE 1 precisava de uma ação de extensão a que estivesse estritamente relacionado. Escolhemos “Hortas Comunitárias em Santana do Livramento”, projeto de extensão registrado junto à Pró-Reitoria de Extensão da UERGS sob a coordenação das autoras deste artigo, devido ao trabalho que vem sendo desenvolvido há quatro anos junto à comunidade santanense em relação a esse tema, bem como a sua pertinência ao curso de Agronomia.

Com o retorno das atividades presenciais em 2022, no momento pós-pandemia de COVID-19, foi desenvolvida a primeira ação de extensão sobre hortas comunitárias em Santana do Livramento, em parceria com a Cooperativa Coperforte, a Sicredi, Senge Solidário e a Prefeitura Municipal de Santana do Livramento. A iniciativa surgiu de lideranças comunitárias locais vinculadas a cozinhas solidárias que pediram apoio à universidade. Devido ao sucesso do projeto, ao pedido das comunidades envolvidas para que ele continuasse e à necessidade de contar com bolsistas, transformamos a proposta em projeto de extensão em 2023, 2024 e 2025.

Com o passar do tempo, foi possível realizar o fortalecimento de duas hortas comunitárias vinculadas a cozinhas solidárias nos bairros Simão Bolivar e São Paulo. Também trabalhamos com uma horta pedagógica voltada às crianças do Lar de Infância Daniel Albornoz, organização filantrópica do município. Desenvolvemos ainda ações em hortas de outras instituições educacionais, a partir de solicitações de equipes diretivas desses locais. O crescimento do projeto, sua importância no âmbito social e ambiental, bem como a relação estabelecida com a comunidade, fazem com que tenhamos a responsabilidade de dar continuidade ao mesmo e ampliá-lo.

Dentre os objetivos desse projeto, podemos citar: realizar a troca de saberes entre estudantes, profissionais da UERGS e comunidade em geral; e contribuir com a segurança e soberania alimentar no município de Santana do Livramento, levando a UERGS até bairros considerados periféricos. O projeto é importante e contribuiu de forma consistente com a promoção da agroecologia no território onde a UERGS está inserida.

Petersen (2012) entende a agroecologia a partir de três acepções: a) como teoria crítica à agricultura convencional e oferta de bases conceituais e metodológicas para o desenvolvimento de agroecossistemas sustentáveis; b) prática social adotada em coerência com a teoria agroecológica; c) movimento social que mobiliza agentes sociais envolvidos no desenvolvimento da agroecologia, assim como defensores da soberania alimentar, saúde ambiental, economia solidária e ecológica, equidade entre homens e mulheres, e relações mais equilibradas entre rural e urbano. “Em sua essência, a Agroecologia articula sinergicamente essas três formas de compreensão, condensando em todo indivisível o seu enfoque analítico, a sua capacidade operativa e a sua incidência política” (Petersen, 2012, p. 8).

Trabalhamos nas hortas comunitárias e pedagógicas a partir dos princípios da agroecologia, garantindo a produção e consumo de “comida de verdade”, gerando alimentos saudáveis e plantas medicinais que contribuem com a melhoria da saúde da população que vive na periferia de Santana do Livramento/RS. Dentre os benefícios dessas hortas, elencamos os ganhos à saúde da população, desenvolvimento do trabalho coletivo nesses espaços com a inserção acadêmica, trazendo benefícios ao corpo e à mente, bem como o desenvolvimento de trabalhos voltados ao aproveitamento integral de alimentos produzidos nas hortas para a alimentação de todos(as).

A modernização da agricultura não foi capaz de acabar com a fome e a desnutrição no mundo. Não basta produzir comida, é necessário produzir “comida de verdade”, sem contaminantes, alimento saudável e nutritivo com história atrelada ao território. Também é necessário garantir o acesso de to-

das as pessoas a esses alimentos. Precisamos pensar na produção, distribuição e acesso aos alimentos saudáveis através de conceitos como agroecologia, segurança alimentar e soberania alimentar. A segurança alimentar é regida pelos seguintes princípios: de que segurança alimentar e segurança nutricional são auto-dependentes; que para garantir segurança alimentar e nutricional precisa haver participação da sociedade e do Estado; e que o direito humano à alimentação tem que ser considerado primordial (Maluf; Menezes; Marques, 2000).

Segundo Maluf, Menezes e Marques (2000), a segurança alimentar e nutricional é a garantia do direito de todos ao acesso a alimentos de qualidade, em quantidade suficiente e de modo permanente, com base em práticas alimentares saudáveis e respeitando as características culturais de cada povo, manifestadas no ato de se alimentar. Esta condição não pode comprometer o acesso a outras necessidades essenciais, nem sequer o sistema alimentar futuro, devendo se realizar em bases sustentáveis. É responsabilidade dos estados nacionais assegurar este direito, e estes devem fazê-lo em obrigatória articulação com a sociedade civil, dentro das formas possíveis para exercê-lo.

O projeto das hortas comunitárias ficou bastante conhecido no município de Santana do Livramento e região, sendo objeto de reportagens de veículos de comunicação do Rio Grande do Sul e tendo recebido um voto de congratulação da Câmara Municipal de Vereadores em 2023. Através deste projeto, levamos a universidade a bairros onde antes era pouco conhecida. Em consequência, o projeto teve uma importância social e ambiental que é amplamente reconhecida pela população.

As hortas demandam constante manuten-

ção, sendo necessário dedicação contínua e árduo trabalho. Os e as estudantes envolvidos(as) foram os(as) principais agentes sociais nesse sentido. Diante da dificuldade de garantir um grupo de trabalhadores(as) em cada horta, buscamos incentivar essa responsabilização mostrando às lideranças comunitárias que esse fator é central para a continuidade das hortas. Entretanto, a equipe do projeto, especialmente bolsistas, precisou se responsabilizar por boa parte do trabalho. Isso nos gera preocupação com relação à manutenção futura das hortas sem a universidade.

A horta comunitária do bairro São Paulo garante a diversificação de alimentos para a cozinha solidária do clube de mães, que elabora e distribui diariamente refeições para quem precisa, especialmente crianças. A horta comunitária do bairro Simón Bolívar também garante que as refeições elaboradas e distribuídas pelo grupo coordenado pela Sra. Ironda na cozinha comunitária local sejam mais saudáveis. Nesse caso, a senhora Ironda, que é idosa e tem problemas de saúde, tem pouco apoio local para a manutenção da horta. Já na horta pedagógica do Lar de Infância Daniel Albornoz, nosso maior retorno foi ver as crianças acolhidas a partir de ordem judicial aprendendo a mexer na terra. A relação construída entre a equipe do projeto e as comunidades contempladas por ele fica cada vez mais fortalecida. Aprendemos muito a cada edição.

Ao longo de suas diferentes edições, o projeto foi adquirindo grande importância social e ambiental, sendo amplamente reconhecido pela população e se estabelecendo como marca da relação da UERGS com a comunidade. A oferta da ACE 1 trouxe colaboradores(as) para o projeto, contribuindo para a sua renovação em 2025. É importante

garantir a continuidade desse trabalho; entretanto, a diminuição da equipe envolvida devido à saída da professora ministrante do componente ACE 1 da universidade, a falta de recursos financeiros e de grupos contínuos para manutenção das hortas nos diferentes bairros pode inviabilizar essa continuidade.

3. A CURRICULARIZAÇÃO DA EXTENSÃO BROTANDO NA HORTA

O componente curricular ACE 1 foi desenvolvido entre março e junho de 2025, nas terças-feiras, durante o turno da manhã. Oito estudantes matricularam-se. No plano de ensino desse componente (UERGS, 2025, p. 01), constava como ementa “desenvolvimento de atividades de extensão, elaboradas pelo colegiado do curso e adequadas à realidade em que o curso está inserido, à etapa e perfil do curso e à missão da UERGS”. Já como objetivos constavam “fazer contato com a comunidade, aprender a se comunicar, desenvolver a capacidade de trabalhar em grupo, testar os conhecimentos e treinar para a vida pós-formatura, e aproximar a comunidade e a universidade” (UERGS, 2025, p. 01).

O convite da coordenadora do curso para ministrar esse componente foi um desafio, era algo novo. O novo pode ser assustador ou convidativo, um convite a inovar. Esse caráter inovador foi percebido como possibilidade de fortalecer a extensão na unidade e potencializar o desenvolvimento do projeto de extensão sobre hortas comunitárias. Para tanto, realizamos catorze encontros, cujas atividades desenvolvidas estão relacionadas no Quadro 01.

Quadro 1. Atividades desenvolvidas no Componente ACE 1

Encontro	Atividade
01	Apresentação do componente e da avaliação; Conceito de extensão; Curricularização de extensão no ensino superior no Brasil e na UERGS; Resoluções da extensão
02	Reuniões nas hortas comunitárias dos bairros Simón Bolívar e São Paulo com lideranças comunitárias locais
03	Mutirão de trabalho na horta comunitária do bairro Simón Bolívar
04	Documentos que regem a curricularização da extensão nas universidades do Brasil e na UERGS; Elaboração de projetos de extensão
05	Como elaborar projetos de extensão; exemplos de projetos de extensão; Exercício
06	Trabalho na horta comunitária do bairro São Paulo
07	Mutirão de trabalho na horta comunitária do bairro Simón Bolívar
08	Mutirão de trabalho na horta comunitária do bairro Simón Bolívar
09	Elaboração e entrega da primeira parte do trabalho final do componente (projeto de extensão elaborado individualmente)
10	Início de construção de horta pedagógica no Lar de Infância Daniel Albornoz
11	Construção de horta pedagógica no Lar de Infância Daniel Albornoz
12	Elaboração da segunda parte do trabalho final do componente: projeto de extensão
13	Finalização da horta pedagógica do Lar de Infância Daniel Albornoz; Atividade lúdica da turma sobre alimentação saudável com as crianças do lar
14	Apresentação de projetos de extensão (trabalho final do componente); Avaliação do componente.

Fonte: Caderno de campo da docente do componente, 2025. Organização das autoras.

Como pode ser visto no Quadro 01, o componente possibilitou um espaço potente de estudo e vivência da extensão. Ao longo dos encontros, buscou-se desenvolver nos(as) estudantes o interesse pela extensão e a avaliação crítica das experiências.

Na imagem abaixo, estudantes, docente e liderança comunitária estavam em reunião para planejar a ação prática junto à horta comunitária do bairro Simón Bolívar. As atividades foram construídas coletivamente a partir das necessidades e condições locais.

Figura 1. Reunião de planejamento da ação junto à horta comunitária do bairro Simón Bolívar



Fonte: Arquivo pessoal da docente, 2025.

No caso dessa horta, optamos por recuperar a cerca que havia caído e os canteiros que foram desfeitos após um vendaval. Não tínhamos recursos financeiros, mas houve uma soma de esforços. Alguns estudantes doaram pedaços de tela que tiraram de suas propriedades, moirões para cerca e esterco de ovelha curtido. Estudantes que tinham caminhonete fizeram o transporte dos materiais necessários e da grama cortada em uma escola para cobertura de solo. Dividimos a turma e voluntários(as) em grupos, sendo um grupo responsável pela recuperação da cerca, outro por refazer as proteções dos canteiros com madeiras de paletes doados por empresas locais após solicitação de estudantes, e o tercei-

ro grupo ficou responsável pelo preparo do solo, plantio e rega. As mudas de hortaliças e plantas medicinais foram doadas pela docente e por estudantes.

Na prática extensionista é importante buscar construir todo o processo de forma participativa, promovendo a autogestão. A dinâmica de trabalho coletivo revelou não apenas a dimensão técnica da atividade agrícola, mas também aspectos sociais importantes, como a construção de vínculos entre estudantes e moradores(as). Esse processo reforça o potencial da extensão universitária como espaço de produção compartilhada de conhecimento.

Figura 2. Trabalho realizado na horta comunitária do bairro Simón Bolívar



Fonte: Arquivo pessoal da docente, 2025.

A horta comunitária do bairro Simón Bolívar é grande e exigiu muito trabalho. Depois das atividades, conversávamos sobre temas práticos como a dificuldade de mobilizar um grupo para continuar o trabalho na horta, o que costumava ficar sob a responsabilidade de uma pessoa já idosa e que se envolve em outras tarefas. Esse é um grande desafio para ações de extensão de universidades relacionadas às hortas. Entendemos que precisa ser rea-

lizada uma ação específica com moradores(as) dos bairros para qualificação em criação e manutenção de hortas, importância do trabalho coletivo e autogestão. A troca de experiências entre os diferentes grupos de moradores(as) também pode ser promissora nesse sentido.

A horta comunitária do bairro São Paulo é menor e estava em melhores condições em relação à primeira; portanto, sua exigência foi

menor. Foi emocionante ver a forma como os(as) estudantes se envolviam nas atividades, trazendo mudas de hortaliças e plantas medicinais de casa, planejando e trabalhando juntos(as), e trocando experiências com a comunidade (ver Figura 3).

Nessa horta, construímos um pequeno horto medicinal em homenagem à liderança local,

que faleceu em 2024 e que gostava desse tipo de plantas. Nesse espaço colocamos a placa “Jujos da Dona Zo”. O espaço destinado aos jujos nas hortas comunitárias valoriza o saber tradicional das lideranças e promove a sua continuidade ao longo das gerações. Os espaços das práticas eram descontraídos, permeados por trocas entre o grupo da universidade e a comunidade.

Figura 3. Trabalho realizado na horta comunitária do bairro São Paulo e na horta pedagógica do Lar de Infância Daniel Albornoz



Fonte: Arquivo pessoal da docente, 2025.

A horta pedagógica do Lar de Infância Daniel Albornoz foi a que exigiu maior demanda de trabalho e que teve a maior conexão com a turma, pois trabalhamos junto a crianças cheias de histórias para nos contar, vontade de auxiliar e de abraços a dar. O objetivo dessa horta era diferente do das anteriores: nas hortas comunitárias, o objetivo era produzir alimentos para melhorar as refeições preparadas nas cozinhas solidárias dos dois bairros e doadas a quem precisasse. Na horta do Lar, o objetivo era pedagógico: utilizar o espaço para ensinar às crianças acolhidas no lugar sobre alimentação saudável e relação com a natureza.

O Lar é um espaço que acolhia, na época, um grupo de cerca de quinze crianças, a partir de decisões judiciais da rede de proteção à infância no município. A coordenadora do Lar pediu apoio à universidade para refazer a horta após uma reforma no local, ao que atendemos. Os(as) estudantes planejaram e realizaram cada etapa da construção da horta, que foi feita com doações, desde a lista de material necessário até a distribuição das mudas. Ficou clara a responsabilidade do grupo ao receber as demandas, havendo participação efetiva e comprometimento geral com a realização das tarefas.

Durante as atividades na horta, as crianças do Lar apareciam para pedir para auxiliar no trabalho, conversar e dar abraços. Fomos construindo vínculos com elas, esperávamos ansiosamente elas chegarem correndo para nos abraçar a cada manhã de trabalho no local. Por conta disso, de forma a evitar acidentes de trabalho envolvendo as crianças na horta, combinamos que marcaríamos uma manhã na qual elas poderiam plantar as mudas com a turma da UERGS e faríamos uma atividade lúdica sobre alimentação saudável. Um dos estudantes sugeriu que fizéssemos um churrasco com as crianças e a equipe do Lar nesse dia, e assim foi feito.

A manhã começou com uma roda sob o sol, onde as crianças comeram bergamotas enquanto conversavam com estudantes sobre alimentação saudável. Na sequência, elas pintaram o portão e a placa da horta do Lar com

o apoio do grupo. Cada estudante ensinou um grupo de crianças a plantar as mudas nos canteiros, como pode ser visto na Figura 4.

Ver estudantes de Agronomia ensinando as crianças a plantar e a importância da alimentação saudável foi o ponto alto do componente. A professora ficou observando com os olhos cheios d'água os(as) estudantes sendo protagonistas da atividade que planejaram e para a qual se prepararam, ensinando às crianças o que aprenderam. Esse momento vivenciado ao final do período mostrou o potencial de emancipação da extensão, que precisa ser melhor trabalhando nas universidades. Por outro lado, entendemos que a emoção faz parte do processo. Somos seres racionais e que sentem, e dessa complexidade emana a força da universidade pública para exercer seu papel na contribuição para transformar a sociedade.

Figura 4. Crianças plantando mudas com orientação de estudantes na horta pedagógica do Lar de Infância Daniel Albornoz



Fonte: Arquivo pessoal da docente, 2025.

As atividades realizadas em sala de aula também foram bem aproveitadas pela turma. Nesses espaços, realizamos estudo de normativas que regulamentam a curricularização da extensão nos cursos de graduação brasileiros e especialmente na UERGS. Lemos projetos de extensão e exercitamos sua elaboração passo a passo.

Uma das avaliações do componente foi a elaboração, apresentação e entrega de um projeto de extensão. De forma geral, os projetos estavam bem estruturados e eram passíveis de execução. No Quadro 02 estão relacionados os títulos dos projetos de extensão elaborados pelos(as) estudantes. A criatividade dos temas escolhidos chamou a atenção.

Quadro 2. Título do projeto elaborado por cada estudante

Estudante	Título
Estudante 1	Hortas solidárias em Santana do Livramento: sustentabilidade na irrigação, adubação e produção de mudas
Estudante 2	Pomar das Evas: mulheres camponesas do assentamento Herdeiros de Oziel
Estudante 3	Fortalecimento da ovinocultura sustentável em Santana do Livramento
Estudante 4	Conservação ambiental aliada ao esporte
Estudante 5	Cuidando da mente: ações de promoção da saúde mental na UERGS
Estudante 6	Ensino de matemática e física com prática agrícola em escolas municipais de Santana do Livramento
Estudante 7	Raízes urbanas do futuro: cultivando mudas de hortaliças em hortas caseiras
Estudante 8	Florestação e preservação ambiental

Fonte: Caderno de campo da docente do componente, 2025. Organização das autoras.

Os temas desses projetos foram escolhidos a partir da necessidade percebida pelo(a) estudante no território. Alguns(as) pensaram em ações para desenvolver com públicos específicos, como no caso da proposta voltada à geração de renda e autonomia a partir da implantação de pomares para mulheres assentadas. Cabe mencionar que esse projeto foi elaborado por uma estudante assentada da reforma agrária, buscando transformar o seu lugar de vida. Foi satisfatório para a professora de ACE 1 ver estudantes aprendendo a elaborar projetos e mostrando interesse em contribuir com a transformação do território a partir das habilidades e conhecimentos construídos durante o curso de Agronomia.

Para finalizar o componente, fizemos uma

roda de avaliação na sala de aula. Os(as) estudantes fizeram relatos fortes e emocionantes quanto ao desenvolvimento alcançado ao longo do componente. Eles(as) mencionaram a contribuição das práticas realizadas para a comunidade, o aprendizado gerado pelo fazer na prática, pela troca com os saberes populares e pelo trabalho coletivo. Também foi mencionado o gosto dos estudantes pelo fazer, pelo “colocar as mãos na massa”, como um fator que motivou a avaliação positiva do projeto. Ao mesmo tempo, foi ressaltada a importância de aprender a elaborar projetos de extensão e as possibilidades de captação de recursos. Alguns(as) estudantes mencionaram que o aprendizado desse componente é amplo, servindo não apenas no âmbito profissional, mas na vida como um todo.

A turma ressaltou a importância do trabalho realizado junto às crianças na horta pedagógica como o auge do componente, espaço que proporcionou emoção e reflexão. Os momentos de troca de cada estudante com as crianças ficaram na memória deles(as) e da professora, configurando-se como ricos espaços de educação transformadora. Terminamos essa experiência com a certeza de que ela efetivamente contribuiu para a formação de profissionais comprometidos(as) com a transformação da realidade onde vivem e atuam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao nos debruçarmos sobre a experiência do Componente ACE 1 no curso de Agronomia da UERGS, entendemos a importância da curricularização da extensão nos cursos de graduação do país. Esse componente configurou-se como um potente espaço de diálogo da universidade com a comunidade, promovendo a agroecologia e a segurança alimentar. Ele contribuiu de forma efetiva na formação de sujeitos comprometidos com a redução das desigualdades nos seus territórios de vida e trabalho.

REFERÊNCIAS

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** 8. ed. Tradução de Rosisca Darcy de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 6. Ed. São Paulo: Ed. Atlas, 2017.

MALUF, R. S. J.; MENEZES, F.; MARQUES, S. **Caderno 'Segurança Alimentar'**. 2000.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Resolução n. 07, de 18 de dezembro de 2018**. Estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira e regimenta o

Precisamos potencializar e multiplicar espaços como esse. Para tanto, sugere-se que as universidades disponibilizem recursos financeiros e a estrutura necessária para o pleno desenvolvimento de componentes de extensão ou de componentes com parte da carga horária voltada à extensão. Com um investimento de pequenos montantes, para transporte e compra de insumos necessários, teremos resultados significativos. Entretanto, sem aporte de recursos, é difícil realizar a curricularização da extensão. Também é interessante sistematizar experiências de componentes de extensão e promover as trocas entre diferentes cursos, territórios e universidades.

Por fim, a experiência do ACE 1 nos traz a esperança de fortalecimento da extensão na universidade pública com o sentido de comunicação e não de invasão cultural, de acordo com o que nos ensinou Freire (1983), e sim como sementeira de transformação social. Para termos universidades vivas, diversas e comprometidas com as lutas do povo, é preciso semear. Mãos à terra!

disposto na Meta 12.7 da Lei nº 13.005/2011.

PETERSEN, P. Agroecologia em construção. In: ALTIERI, M. **Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável**. São Paulo: Expressão Popular/ASPTA, 2012, p. 07 a 14.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO GRANDE DO SUL. **Projeto Pedagógico do Curso Agronomia**. UERGS, 2021.

RIO GRANDE DO SUL. Universidade Estadual do Rio Grande do Sul. Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão. **Resolução CONEPE Nº 018/2020**. Institui

e Regulamenta a Política de Extensão Universitária da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul. Revoga a Resolução CONEPE 002/ 2012 e dá outras providências.

RIO GRANDE DO SUL. Universidade Estadual do Rio Grande do Sul. Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão. **Resolução CONEPE N° 022/2024**. Institui a nova regulamentação da curricularização das atividades de extensão nos cursos de graduação da UERGS.

Recebido em: 16/08/2025

Revisado em: 06/03/2026

Aprovado em: 12/05/2026